

O Construto Em Tempo Real nos Quadrinhos da Turma da Mônica: Uma Análise do Fenômeno do Objeto Direto Anafórico de Terceira Pessoa da Década de 1970 até a Década de 2010

Carolina Amorim **ZANELLATO***
Leila Maria **TESCH****

* Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (2021). Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Contato: carolinaaz_8@hotmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Professora Doutora Adjunto IV_UFES. Contato: leilatesch@gmail.com.

Resumo

O construto em tempo real tem como finalidade observar a variação e a mudança de certo fenômeno sociolinguístico em diferentes sincronias no tempo. Neste trabalho, verificamos como ele se dá na variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa. Mesmo que as gramáticas tradicionais prescrevam somente o pronome clítico como forma possível de ocupar o espaço de objeto direto nas orações, trabalhos pioneiros como os de Omena (1978) e Duarte (1986) já mostram uma queda significativa no uso dessa variante e um aumento das demais, como o pronome lexical, o sintagma nominal e o objeto nulo. Nosso objetivo, portanto, é analisar seu índice em revistas de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica a partir da década de 1970 até a década de 2010. Os resultados que encontramos corroboram com as pesquisas supracitadas: há uma diminuição de 52% no percentual do pronome clítico entre a primeira e a última sincronia e um aparecimento do pronome lexical nas publicações, forma antes dispensada no lugar de objeto. Concluimos, dessa forma, que os quadrinhos seguem o mesmo padrão do vernáculo do Português brasileiro (PB), mirando para a extinção do clítico e o gradual aumento das demais variantes.

Palavras-chave: tempo real; objeto direto anafórico; histórias em quadrinhos.

O Construto Em Tempo Real nos Quadrinhos da Turma da Mônica: Uma Análise do Fenômeno do Objeto Direto Anafórico de Terceira Pessoa da Década de 1970 até a Década de 2010¹

Carolina Amorim Zanellato
Leila Maria Tesch

PALAVRAS INICIAIS

A Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), área da Linguística que visa estudar a variação e a mudança a partir de aspectos históricos, sociais e culturais, parte do princípio de que as transições que ocorrem na língua são inerentes ao próprio sistema linguístico, negando a imanência postulada pelas teorias formalistas da língua, como o Estruturalismo e o Gerativismo. Quando a mudança está em curso, podemos observá-la a partir de dois construtos, a fim de constatar se, de fato, há progresso no processo: o em tempo aparente e o tempo real (Labov, 1994).

Neste trabalho, propomo-nos a analisar, a partir do tempo real de curta duração, o fenômeno do objeto direto anafórico de terceira pessoa no Português Brasileiro (doravante PB), utilizando, para esse fim, revistas de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, criação do quadrinista brasileiro Maurício de Sousa. No PB, esse fenômeno pode ocorrer de quatro formas principais:

- 1) clítico acusativo, como em: “Opa! Esse *homem* parece que está ferido! Vou socorrê-**lo!**” (Mônica, 1970, n. 01, p. 5);
- 2) pronome lexical, como em: “Tem mais um *gato* nesta casa! Mas eu pego **ele!**” (Magali, 1994, p. 27);
- 3) sintagma nominal, como em: “Pergunte ao *Cascão!*... Cascão? Bem que eu queria achar **aquele moleque!**” (Cascão, 1985, p. 8);
- 4) objeto nulo, como em “Eu encontrei *o Sansão* perdido no campinho e guardei **o** pra você!” (Cebolinha, 2013, p. 31)

Esse fenômeno já foi analisado a partir desse construto por Cyrino (1997), que tinha como *corpus* peças de teatro datadas do século XVI até o século XX. A autora observou uma diminuição da forma preenchida, principalmente o pronome clítico, variante considerada conservadora, e um aumento da forma não-preenchida, o objeto nulo.

Pinto e Coelho (2016) atestam o mesmo resultado com amostras de falantes da zona mais urbana de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, observados em dois momentos: na década de 1990 e na década de 2010. As autoras confirmam que há um leve aumento da forma nula e uma conseqüente diminuição das formas preenchidas de uma sincronia para a outra. É importante ressaltar que essas duas pesquisas são, em um *continuum* entre fala e escrita

¹ Revisado por: Frederico Pitanga Pinheiro.

(Marcuschi, 2010), mais próximas à oralidade.

Entendemos, dessa forma, que o fenômeno em questão apresenta ampla variação dentro do PB, principalmente se observado diacronicamente. Munidas de publicações datadas entre as décadas de 1970 e 2010, temos por objetivo atestar a diminuição do pronome clítico, variante já obsoleta na fala, como observado em pesquisas como Omena (1978), Duarte (1986), Malvar (1992) e Lauer (2015), e o aumento das demais formas, com ênfase no pronome pessoal do caso reto, que tem seu uso considerado pelos compêndios gramaticais (Bechara, 2004; Cunha; Cintra, 2013; Rocha Lima, 2011) como “errado” no local de objeto.

Com esse fim, dividimos o trabalho da seguinte forma: a segunda seção traz a representação do objeto direto no Português nas gramáticas tradicionais, contrapondo com os resultados de pesquisas sociolinguísticas que tratam sobre o fenômeno. Após, na terceira seção, teceremos algumas considerações sobre o construto em tempo real, metodologia que rege este trabalho. Partindo para a quarta seção, abordaremos um pouco sobre o gênero textual em que focamos nossa pesquisa, as histórias em quadrinhos, e também descreveremos o nosso *corpus* de pesquisa. Na quinta seção, apresentaremos nossos resultados e a discussão desses. Por fim, na sexta seção, delinearemos nossas considerações finais.

O FENÔMENO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO: DIFERENTES ABORDAGENS

A tradição gramatical enfatiza a função dos pronomes do caso oblíquo como a de ocupar o lugar de objeto na oração. Já o pronome pessoal do caso reto é a forma recomendada para ocupar a casa do sujeito. Rocha Lima (2011), por exemplo, se ocupa somente nessa definição, não abordando nenhum outro caso excepcional em que os pronomes possam ocupar funções diferentes dentro da sintaxe do Português.

Cunha e Cintra (2013) vão além e entendem que o uso do pronome do caso reto como objeto é um “Equívoco e Incorreções”, seção na obra destinada aos usos que fogem à norma padrão no Português. Para os autores, esse uso é proveniente da “fala vulgar e familiar do Brasil” (Cunha; Cintra, 2013, p. 302) e só pode ser aceito quando antecedido de preposição *a*, repetindo o objeto direto enunciado pela forma átona (o, a, os, as) e quando precedidas das palavras *todo* ou *só* (Cunha; Cintra, 2013, p. 303).

Bechara (2004) também considera que há casos excepcionais em que o pronome do caso reto possa ser usado como objeto: quando esse for precedido de *todo* ou *só* – assim como também considera Cunha e Cintra – ou quando há acentuação enfática.

No entanto, gramáticas com finalidade de prescrever os usos linguísticos estabelecem regras para guiar os usos dos falantes, mas não descrevem o vernáculo da forma como ele realmente é.

No fenômeno em tela, por exemplo, pesquisas que analisaram *corpora* de fala, como as já supracitadas Omena (1978), Duarte (1986), Malvar (1992) e Lauer (2015), constataam o quase desaparecimento do pronome clítico na fala – com índices de 0%, 4,9%, 1% e 0,5%, respectivamente – e a preferência pelo uso do objeto nulo. O pronome lexical, a forma não recomendada pelas gramáticas para ocupar o lugar de objeto direto, apresenta uso entre 13 e 25%. Alguns fatores favorecem o uso do objeto nulo, como o antecedente ser [-animado] e estar em uma estrutura sintática simples. Outra variante com forte presença é o sintagma nominal anafórico – nas pesquisas em que é quantificado, possui comportamento parecido com o do vazio, ocupando, inclusive, posição de preferência entre as variantes.

Na escrita, no entanto, o uso do clítico é ainda persistente – embora não seja a única forma

aceita, como prescrevem os gramáticos. Othero *et al.* (2018), em pesquisa com histórias em quadrinhos e postagens da rede social Twitter, encontram nesse primeiro gênero textual o total de 25% de pronome clítico no total de ocorrências. Os autores, dessa forma, entendem que

[...] os textos que encontramos no *corpus* de histórias em quadrinhos representam discurso monitorado escrito (são textos revisados e publicados por uma editora com seu padrão de qualidade de publicações). Por isso, os diálogos ali presentes, ainda que tencionem representar a fala – e a fala infantil –, são publicados em meio escrito e trazem o peso da tradição literária escrita gramatical (Othero *et al.*, 2018, p. 78).

Duarte e Freire (2015), ao analisarem textos jornalísticos no Português europeu (PE) e no PB, encontram um índice até mais elevado de clíticos do que o encontrado no trabalho anterior nessa segunda variedade: 57% do total de ocorrência no *corpus* obtido no PB. Há presença do pronome lexical, mas esse concentra seu uso no gênero crônica, visto pelos autores como mais permeável às formas utilizadas na fala. Duarte e Freire acreditam que o clítico só entra no PB por meio do ensino escolar, enquanto no PE a variante realmente faz parte do vernáculo.

Não é o que encontram, no entanto, Pereira e Coelho (2013). Em uma pesquisa em que analisam o objeto direto anafórico em redações escolares de alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos de quatro escolas de ensino público de Florianópolis, eles observaram a presença de somente 7% das ocorrências como pronome oblíquo, sendo utilizado, principalmente, pelas alunas do sexo feminino.

Esses trabalhos com *corpora* escritos, no entanto, não estudam o fenômeno a partir do construto em tempo real. Nosso objetivo, neste artigo, é fazer tal investigação e entender como ocorre a variação em cada sincronia, visto que o gênero textual que analisamos tem base escrita, roteirização, mas pretende reproduzir a fala. Sobre ele, falaremos mais na próxima seção.

O CONSTRUTO EM TEMPO REAL

Ao analisarmos a mudança em curso em uma língua, deparamo-nos com dois métodos de realizá-la: o de tempo aparente e o de tempo real.

O construto em tempo aparente visa analisar certo fenômeno sociolinguístico em diferentes faixas etárias, a fim de verificar em qual estágio está a mudança. Entende, dessa forma, que se uma variante é preferida por falantes mais velhos e está em desuso na linguagem dos mais novos, pode estar ocorrendo uma mudança na língua. Tavares (2011, p. 397) afirma que, em resumo,

A possibilidade de estudo da mudança em tempo aparente depende da validade do pressuposto de que o sistema linguístico individual é estável, isto é, o vernáculo de um indivíduo de uma certa faixa etária permanece essencialmente o mesmo a despeito da passagem dos anos, o que permite que se compare a fala de pessoas de diferentes idades para se observar diferentes estágios da língua.

No entanto, esse tipo de análise possui dois problemas principais, como pontua Paiva (2016): o primeiro, é o fato de a coleta de dados poder ou não ser representativa daquela comunidade de fala em questão. O segundo é que, ao analisarmos faixas etárias distintas, enquadraremos falantes que podem estar em períodos da vida em que o uso de uma variedade mais culta, por exemplo, pode ser a opção mais frequente.

Por outro lado, o construto em tempo real examina a variação em uma comunidade de fala

em momentos distintos do tempo (cf. Labov, 1994). Essa pode ser feita de duas formas: como estudos de tendência e de painel. Segundo Paiva e Duarte (2003, p. 17),

“O estudo de painel, através da comparação de amostras de fala dos mesmos falantes em diferentes pontos do tempo, permite captar mudanças ou estabilidade no comportamento linguístico do indivíduo e pode fornecer os elementos necessários para distinguir entre mudança geracional e mudança na comunidade”.

Ainda de acordo com as autoras,

O estudo do tipo tendência, por sua vez, compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo. Mantida a exigência de que cada amostra seja efetivamente aleatória, os falantes gravados podem ser considerados representativos da comunidade no momento da gravação e o resultado do estudo comparativo das amostras será, em termos estatísticos, equivalente ao estudo de toda a comunidade.

No entanto, no tocante à pesquisa com histórias em quadrinhos, chegamos à conclusão de que as definições de tendência e painel não são cabíveis. Se entendermos o trabalho como um estudo de tendência, compreendemos a classe dos redatores de quadrinhos, que estão por trás de cada história. Esses, mesmo que mudem com o tempo, fazem parte de uma mesma comunidade de prática² que reflete a mudança dentro de tal comunidade na língua. Porém, se entendermos como um estudo de painel, considerando o personagem como falante, temos uma mesma “pessoa” que, todavia, não muda a idade – as crianças sempre serão crianças, os adultos sempre serão adultos, e assim por diante. Dessa forma, propomo-nos a não encaixar em nenhum dos dois tipos de estudo.

A partir dessa metodologia em tempo real, analisamos nosso *corpus*, com revistas em quadrinhos em diversas sincronias, como abordaremos no tópico a seguir.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS E O *CORPUS* DA PESQUISA

Os gêneros textuais são, segundo Marcuschi (2007, p. 19), “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Dessa forma, é inegável constatar que as histórias em quadrinhos sejam produtos culturais há muitas décadas – seu surgimento data de meados do século XIX, na Europa – e, por esse fator, mudam de acordo com a sociedade em que está estabelecida.

Trata-se de um gênero em que a narrativa se agrupa em quadros e todo o enredo e ações concretizam-se dentro desses quadros. Além do verbal, presente, principalmente, nos balões de fala, há a presença de diversos artifícios não-verbais, como imagens, ilustrações e gravuras. Configura-se, portanto, como um gênero altamente multimodal, em que são necessários diversos letramentos, além do da leitura, para que haja compreensão.

Quanto à linguagem adotada nas publicações, Marcuschi (2008), ao elaborar sua definição de domínio discursivo, enquadra a história em quadrinhos no domínio lazer, lugar em que também se encontram gêneros como piadas, jogos, adivinhas, palavras cruzadas e horóscopos. Em seu *continuum* de fala e escrita, o autor entende que as narrativas e as piadas se encontram em um

² Em poucas palavras, comunidade de prática é um estudo, proposto por Eckert (2000), em que os indivíduos pertencentes a certos grupos que dividem práticas sociais iguais, dividem, também, repertório linguístico semelhante.

ponto mais próximo à escrita – dessa forma, poderíamos agregar as histórias em quadrinhos a esse ponto também. Mendonça (2007, p. 196) também conclui que o gênero teria base escrita, já que, segundo a autora, os chamados “guiões” – narrativas verbais que orientam o trabalho do desenhista – precedem a quadrinização”.

Sendo assim, atemo-nos, neste trabalho, a investigar se a variedade linguística utilizada nos quadrinhos se aproxima realmente à escrita, utilizando para a retomada do objeto direto a forma prescrita pelas gramáticas normativas, o clítico acusativo, ou se se aproximaria mais das pesquisas que tratam o vernáculo, como as já supracitadas Omena (1978), Duarte (1986), Malvar (1992) e Lauar (2015), que constataram o quase desaparecimento do clítico e aumento de demais formas. Entendemos, assim como Biazolli (2009, p. 655), que “as mudanças que se efetuam nos gêneros textuais são indissociáveis das mudanças da vida social que, por sua vez, entre outros aspectos, condicionam as mudanças na língua”.

Othero *et al.* (2018, p. 78) acreditam que os quadrinhos continuam tendo um direcionamento linguístico, no qual, ao passarem pelo crivo dos editores, mantêm uma linguagem pautada na gramática tradicional.

Para averiguar essa afirmação, analisamos 180 publicações da Turma da Mônica, distribuídas entre as décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Optamos que a linguagem dos quadrinhos correspondesse à década de sua publicação, por isso, utilizamos somente revistas em que os anos de publicação fossem terminados entre 3 e 7.

Em cada uma dessas sincronias, computamos de 440 a 450 ocorrências, a fim de que houvesse equivalência entre os dados de cada uma. Esse cômputo não foi aleatório, mas gerado pelo número de casos de objeto direto anafórico da década de 1970: como as revistas desse período eram de difícil acesso, reunimos todas as que conseguimos, codificamos e, por fim, retiramos 445 casos de objetos diretos anafóricos, servindo, dessa forma, como padrão para as demais décadas. Tal sincronia também não segue a regra de somente analisar publicações entre anos terminados entre 3 e 7, pois, para essa década, o material disponível estava publicado entre os anos de 1970 e 1974.

A tabela 1 apresenta a quantidade de ocorrências e revistas por período de análise.

Tabela 1 – Número de publicações das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e ocorrências levantadas e analisadas por cada sincronia

DÉCADA	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
1970	21	445
1980	45	441
1990	46	442
2000	33	445
2010	35	445
TOTAL		2218

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O número de publicações referente aos anos de 1970 é menor porque nos munimos, além das revistas já citadas, de um livro, em edição especial, que trazia as primeiras histórias da Turma da Mônica (Sousa, 2002). Após levantar o *corpus*, codificamos as ocorrências e fizemos o devido tratamento estatístico utilizando o Planilhas Google, programa de planilhas oferecido pelo Google.

Dessa forma, após abordar sobre o gênero textual de análise e o *corpus* que dispomos para a realização deste estudo, partimos para a análise em tempo real do fenômeno do objeto direto anafórico, com os resultados de nossa pesquisa.

ANÁLISE EM TEMPO REAL DO FENÔMENO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM QUADRINHOS

Nesta seção, apresentamos o resultado da pesquisa em tela a partir dos percentuais encontrados nas ocorrências de objeto direto anafórico. Para Guy e Zilles (2007, p. 26), os percentuais são importantes pois “fornecem um resumo global muito útil da distribuição de variáveis ternárias ou eneárias”.

Nossa hipótese inicial, como já antes dito, é a de que o pronome clítico estaria em ampla diminuição nas revistas em quadrinhos, sendo substituído por formas inovadoras, como o objeto nulo, o sintagma nominal (SN) e o pronome lexical. Na rodada geral, com todas as sincronias juntas, tivemos o resultado abaixo, descrito na tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Distribuição geral das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa no corpus de revistas da Turma da Mônica nas décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010

VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Sintagma nominal	589	44,4%
Objeto nulo	534	24,1%
Clítico acusativo	431	19,4%
Pronome lexical	228	10,3%
Pronome demonstrativo	41	1,8%

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como é possível observar, o sintagma nominal é a grande preferida entre as ocorrências do objeto direto anafórico obtidas nos quadrinhos. Esse resultado pode ser explicado pelas características do gênero, elaborado em quadros e com características da escrita. Para o público-alvo das publicações, as crianças, essa seria a melhor forma de recuperar o referente mais facilmente. O objeto nulo, preferido na fala, aparece logo após, tendo 24,1% das ocorrências.

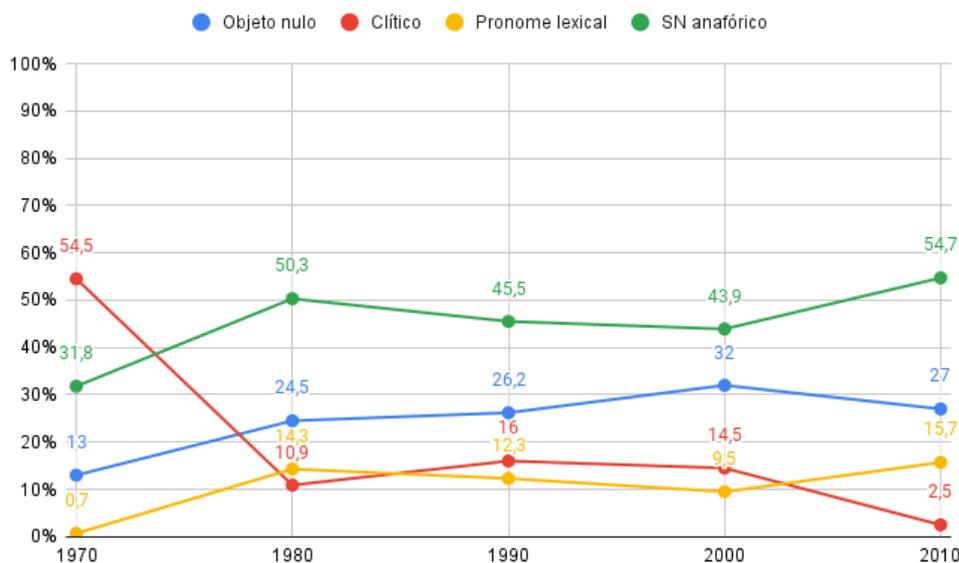
O clítico acusativo aparece com um alto índice – 19,4% das ocorrências. Esse resultado, como veremos a seguir, é totalmente enviesado pela década de análise. De qualquer forma, a alta porcentagem mostra que, mesmo que o meio editorial tente trazer nas revistas uma reprodução da fala, ainda há, por trás, uma certa busca por um preciosismo linguístico, que pode ser orientada pela busca de uma “boa língua” para as crianças, como já aponta Ramos (2017).

A outra forma pronominal, o pronome lexical, tem 10,3% das ocorrências, enquanto o pronome demonstrativo fica com menos de 2% dos usos encontrados no *corpus* analisado. Esse resultado é bem próximo às outras pesquisas, inclusive as que investigam com o vernáculo.

O resultado do pronome lexical também está enviesado, como podemos conferir no gráfico 1 a seguir, que mostra os dados da metodologia em tempo real adotada nessa pesquisa - é

importante citar que, para essa análise, retiramos os poucos casos de pronomes demonstrativos que havia em nosso *corpus*.

Gráfico 1 - Percurso da frequência relativa das variantes do objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica entre as décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em uma primeira análise sobre os dados investigados, podemos perceber que a década de 1970 é a que mais se difere das demais – como, por exemplo, na variante preferida, que é o clítico acusativo e não o sintagma nominal, como visto nas demais sincronias. Há, nessa forma de retomada de objeto direto, o total de 54,5%, mais da metade total de ocorrências. Nas demais décadas, o uso dessa forma cai drasticamente, passando para 10,9% logo na década seguinte, 1980, e aumentando um pouco na sincronia de 1990, 12,3%. No entanto, na década de 2010, atinge seu índice mais baixo, com somente 2,5% do total de ocorrências.

O pronome lexical também mostra uma grande mudança. Em 1970, há somente três ocorrências de tal variante (0,7%): em uma fala do Cebolinha: “Minha mãe está lá em cima com meu *pai*! Se não for embora, eu chamo **ele**, hem?” (Mônica, 1970, p. 29); em uma fala de Thuga, pretendente do personagem Piteco, do núcleo pré-histórico: “Estou com tanta saudade do *Piteco* que “vejo **ele**” por toda parte!” (Mônica, 1971a, p. 31); e em outra fala de Cebolinha: “Puxa! Quando cheguei lá e não vi *a estátua*, pensei que tinham roubado **ela**!” (Mônica, 1971b, p. 06). É interessante notar que, somente em Thuga, que é retratada nas revistas como uma mulher adulta e primitiva, o pronome pessoal em lugar de objeto é colocado entre aspas, como um desvio da norma padrão.

Já nos anos de 1980, houve um aumento significativo dessa variante, atingindo a marca de 14,3% – índice que fica abaixo somente da última década analisada, 2010, com total de 15,7% das ocorrências.

Como é possível interpretar, portanto, esse comportamento distinto da década de 1980 frente às outras sincronias? Tal década deveria aproximar-se mais ao vernáculo ou a variante clítica, por exemplo, deveria cair paulatinamente? Há hipóteses que podem nos guiar a uma possível resposta, como o contexto sociopolítico do Brasil à época: a Ditadura Militar no Brasil,

que durou de 1964 a 1985, e provocou mudanças em todos os âmbitos da sociedade – logo, na língua, não seria diferente. Embora Cirne (1982 *apud* Fernandes, 2015) afirme que Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, se mostrasse isento de opiniões políticas da época e seguisse a linha editorial do jornal em que publicava – o que o fez, inclusive, perder seu emprego como cartunista no jornal Folha da Tarde (cf. Batistoti, 2018), que insistia para que o ilustrador tomasse partido no movimento – é provável que as transformações tenham alterado seu modo de escrita.

Andrade, Melo e Scherre (2007), utilizando um *corpus* também de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, procuram verificar esse fato a partir do fenômeno do imperativo gramatical. Na década de 1970, logo no início do período ditatorial, o imperativo é associado ao indicativo em 7% das ocorrências. Já em 1980, esse número sobe, abruptamente, para 51% das ocorrências. Mais interessante é que, em uma análise realizada ano a ano, é encontrado, em 1983, um número em torno de 18%. Com o fim da repressão, em 1985, esse índice sobe para 53% das ocorrências.

Concluem, portanto, que “um acontecimento de tão grande em proporção e intensidade não pode ter passado sem deixar marcas na língua, em especial na língua escrita, sejam estas no imperativo ou em outras estruturas do português brasileiro” (Andrade; Melo; Scherre, 2007, p. 5). Valemo-nos também dessa conclusão no fenômeno do objeto direto anafórico: com o afrouxamento das medidas repressivas e, depois, o fim da Ditadura, houve uma diminuição significativa da variante considerada de prestígio, o clítico acusativo, e o aumento do pronome lexical, forma desconsiderada pelas gramáticas normativas no lugar de objeto.

Partindo para a análise das demais variantes, o sintagma nominal e o objeto nulo, vemos que ambas também sofrem aumento a partir da década de 1980 e que mantêm um índice padrão nas demais sincronias – o SN torna-se a variante mais usada pelas publicações, oscilando entre 43% e 55% e o objeto nulo, preferida pelo vernáculo, toma a segunda posição, ficando entre 24% e 32% das ocorrências. Esse resultado se assemelha ao encontrado por Othero *et al.* (2018), que verificam que 25% das ocorrências no *corpus* de HQs que observaram era de objeto nulo – o que é a média do que encontramos em nossos resultados.

Sendo assim, dados todos os resultados, partimos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a metodologia em tempo real é um bom parâmetro para observarmos a variação em um fenômeno sociolinguístico. No objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica, o construto mostrou-se valioso a fim de demonstrar a queda no índice de pronomes clíticos, considerado pelas gramáticas normativas a única forma possível a ocupar o lugar de objeto direto – enquanto na década de 1970, início das publicações da revista, essa forma obtinha 54,5% do total das ocorrências, na década seguinte obteve somente 10,9%, queda de mais de 43 pontos percentuais. Na última década analisada, 2010, o clítico ocupa somente 2,5% do total de retomadas do objeto direto anafórico.

Por outro lado, o pronome lexical, forma quase inexistente em 1970, com somente 3 ocorrências em 445, ganha notoriedade a partir dos anos de 1980 e mantém seu índice, nas demais décadas, entre 9,5% e 15,7%. Como relatamos, essas mudanças podem ter ocorrido por uma transformação na sociedade, com a caminhada do Brasil para a redemocratização pós-Ditadura Militar.

O SN anafórico é a forma preferida no resultado geral, com 44,4% das ocorrências. Esse índice pode ser explicado pela configuração do gênero textual história em quadrinhos – por ser dividido em quadros, a retomada por uma descrição definida facilitaria a apreensão do referente. Já o objeto nulo, forma preferida pelo vernáculo, ocupa o segundo lugar no quesito “retomada

preferida” do objeto direto anafórico, com o índice sofrendo aumento a partir da década de 1980, com seu ápice em 2000.

Dessa forma, concluímos que a língua escrita, entendida tantas vezes como a manutenção da norma padrão, também se encontra em ampla variação no gênero textual investigado, as histórias em quadrinhos. Além disso, entendemos que, por conta do uso desse gênero textual, a investigação em tempo real de curta duração tornou-se possível, o que nos rende frutíferos resultados. Esperamos que esses auxiliem nos estudos próximos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *Jornal Finos Leitores*, Brasília, n. 1, p. 1-12, 2007.

BATISTOTI, Vitória. Mauricio de Sousa: conheça a trajetória do criador da Turma da Mônica. *Revista Galileu*, São Paulo, 11 maio 2018. Cultura. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/mauricio-de-sousa-conheca-trajetoria-do-criador-da-turma-da-.html>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

BIAZOLLI, Caroline Carnielli. A colocação pronominal à luz das relações entre a variação e mudança linguística e gêneros textuais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa, PB. *Anais eletrônicos [...]*. João Pessoa: Abralín, 2009. v. 1, 651-660. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Caroline%20Carnielli%200Biazolli.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

CASCÃO. São Paulo: Editora Abril, 1985. Guia dos Quadrinhos, n. 87, 5 dez. 1985.

CEBOLINHA. São Paulo: Maurício de Sousa Editora, 2013. Gibi: Cebolinha, n. 74, fev. 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CYRINO, Sonia M. L. *O objeto nulo no português do Brasil*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

DUARTE, Maria Eugênia L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e objeto nulo no português do Brasil*. 1986. 73 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1986.

DUARTE, Maria Eugênia L.; FREIRE, Gilson C. Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras. In: PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina A. (org.). *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2015. p. 115-133.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

FERNANDES, Geisa. 50 anos do golpe militar no Brasil. O que as histórias em quadrinhos têm a ver com isso? In: 3^{AS} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2015, São Paulo, SP. *Anais eletrônicos* [...]. São Paulo: ECA-USP, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/3asjornadas/artigos.php?artigo=artigo_080620150957012.pdf. Acesso em: 20 set. 2019.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Massachusetts, EUA: Blackwell Publishers, 1994.

LAUAR, Aline Berbert Tomaz Fonseca. *Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala de Vitória*. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

MAGALI. São Paulo: Editora Globo, 1994. Guia dos Quadrinhos, n. 123, mar. 1994.

MALVAR, Elisabete S. *A realização do objeto direto de 3ª pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 194-207.

MÔNICA. São Paulo: Editora Abril, 1970. Guia dos Quadrinhos, n. 1, maio 1970.

MÔNICA. São Paulo: Editora Abril, 1971a. Guia dos Quadrinhos, n. 09, jan. 1971.

MÔNICA. São Paulo: Editora Abril, 1971b. Guia dos Quadrinhos, n. 16, ago. 1971.

OMENA, Nelize Pires de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. 139 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

OTHERO, Gabriel de Ávila; CYRINO, Sonia M. L.; SCHABBACH, Giulia R.; MADRID ALVES, Leonardo T.; ROSITO, Rodrigo B. V. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. *Revista da Anpoll*,

Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 68-89, 2018. Disponível em:
<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1113/971>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 23-32.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia L. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia L. (org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2003. p. 13-29.

PEREIRA, Ivelã; COELHO, Izete L. O uso variável das formas anafóricas no acusativo. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 147-185, 2013. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/download/13422/10107/58912>. Acesso em: 18 mar. 2021.

PINTO, Cecília Augusta Vieira; COELHO, Ivelã L. O objeto direto anafórico de SN: uma análise da fala de Florianópolis em duas sincronias. *ReVEL*, Brasil, n. 13, p. 245-263, 2016. Edição especial. Disponível em:
<https://1library.org/document/zle5gjoq-objeto-direto-anaforico-analise-fala-florianopolis-duas-sincronias.html#fulltext-content>. Acesso em 19 jan. 2021.

RAMOS, Paulo. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola, 2017.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2011.

SOUSA, Maurício de. *As primeiras histórias da Mônica*. São Paulo: Editora Globo, 2002.

TAVARES, Maria Alice. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análises em tempo aparente. *Alfa*, São José do Rio Preto, SP, v. 1, n. 55, p. 393-421, 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/alfa/a/BqpQq5fLQSBWnbQP4qCx6Nb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 mar. 2024.

ZANELATO, Carolina Amorim. *Já vejo ele nos quadrinhos: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica*. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2021.